



Em que Consiste a Materialidade de Nêgo Bispo

Claudio Domingos Fernandes

"Vivemos em uma sociedade em que há uma classe trabalhadora que trabalha, uma elite econômica que consome e uma elite intelectual que comenta...". (Nêgo Bispo)

I

Em 1500, uma horda de homens brancos aportou em Pindorama. Aparentemente perdidos, traziam consigo armas e uma cruz processional. Diziam-se representantes de um Reino poderoso e anunciadores de um Deus Salvador. Sabendo ou não, com uma missa, os estrangeiros davam início a um projeto de expropriação de Pindorama, e espoliação de seus habitantes originários. Nomeada seguidamente Terra de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz, Brasil, Pindorama era propícia: “em se plantando, tudo dá”. Nomear é um ato colonial: “é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta”, dirá Antonio Bispo dos Santos, em *A terra dá, a terra quer*. Os povos originários de Pindorama, seus modos de vida, seus saberes, seus símbolos, exótico-selvagens, aos olhos do invasor, foram ignorados, seus deuses condenados. Capturados, primeiro pelo engano da promessa de uma “salvação pós-vida”, depois pela brutalidade apoiada em armas, foram sendo dizimados pelas doenças dos brancos, pelo trabalho forçado, pela humilhação, pela negação devastadora de seu mundo e de seu imaginário. Muitos lutaram, resistiram, fugiram, se instalando no profundo das matas. Mas, a “Nova Terra” precisava ser povoada, colonizada, expropriada de seus recursos, para sustentar a nascente modernidade capitalista, articulada em uma hierarquia étnico-racial, religiosa, epistêmica, sexual e de gênero, sob as categorias de superior/inferior, civilizado/selvagem. Então, povos de África, vencidos pelos seus, em contendas incentivadas e patrocinadas pelo europeu colonizador/investidor, foram enfiados em porões de navios e traficados, como mercadoria, para Pindorama, onde foram desumanizados e moídos na

acumulação predatória capitalista. Muitos, desde a partida de África, não se dobraram à desumanização implementada na longa travessia atlântica, à chibata, ao tronco, nos engenhos e lavouras. Não! Pelo contrário, lutaram, resistiram, fugiram, fundaram quilombos e instituíram práticas e saberes contracoloniais. “Essas comunidades, pelo grau de enfrentamento que ofereceram aos colonizadores, ganharam repercussão histórica até os dias atuais.” (BISPO, 2015, p. 48). E encontra em Antônio Bispo de Souza e sua trajetória um de seus mais notáveis representantes, que se tornou celebre por sua militância em favor das comunidades quilombolas em defesa de seus territórios tradicionais e de seus modos de vida.

II

Natural do Piauí, Antônio Bispo De Souza (Nêgo Bispo) nasceu em 10 de dezembro de 1959, no Vale do Rio Berengas, em um povoado hoje constituído a cidade de Francinópolis. Vivendo a maior parte da sua vida no quilombo Saco do Curtume, em São João do Piauí, por uma necessidade estratégica de sua comunidade, foi alfabetizado e concluiu o ensino fundamental. Segundo ele explica: "O poder quilombola sobre as terras é um poder baseado na palavra, na atitude, na relação - e não na escrita." Então: “os contratos do nosso povo eram feitos por meio da oralidade, pois a nossa relação com a terra era através do cultivo. A terra não nos pertencia, nós e que pertencíamos a terra...” (Santos, 2018, p. 3).

Por não fazer uso da escrita, a comunidade corria riscos de viver em suas terras. Então, decidiu-se que alguém deveria aprender a ler e escrever, cabendo a Nêgo Bispo tal missão:

Quando fui para a escola no final da década de 1960, os contratos orais estavam sendo quebrados na nossa comunidade para serem substituídos por contratos escritos impostos pela sociedade branca colonialista. Estudei até a oitava série, quando a comunidade avaliou que eu já poderia ser um tradutor. (SANTOS, 2018, p. 4)

Para além da formação escolar, Nêgo Bispo atribui grande relevo à sua formação por mestras e mestres de ofício de sua comunidade. E ressalta com mesmo relevo a missão que assumiu: a de tradutor.

Fui formado para isso e faço isso até hoje. Por isso digo que não sou um pensador, mas um tradutor do pensamento do meu povo. E para o meu povo também sou um tradutor do pensamento do colonialista. Quando estamos discutindo colonização, quilombos, seus modos e significações, nós estamos tentando compreender o que faz o colonialista

pensar como pensa e como devemos pensar para não nos comportarmos como ele.
(SANTOS, 2018, p. 4)

Assim, Nêgo Bispo desenvolve, a partir dos saberes tradicionais dos povos “afro-pindorâmicos”, segundo sua nomenclatura, algumas proposições epistemológicas indissociáveis de suas práticas e vivências, que têm despertado debates dentro e fora da academia.

Articulados, por uma cosmovisão “orgânica”, os saberes de Nêgo Bispo oferecem instrumentos para examinar os modos de resistência das comunidades quilombolas e dos povos originários que não se permitiram colonizar.

A Renato Nogueira¹, Nêgo Bispo informa que ele procura traduzir para a academia os ensinamentos de suas mestras e mestres. E nesse esforço ele apresenta conceitos tais como: biointeração, saber orgânico, confluência. Conceitos, segundo ele contracolonizadores. “A partir daí, seguimos na prática das denominações dos modos e das falas, para contrariar o colonialismo. É o que chamamos de guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las” (SANTOS, 2022, p. 3).

A esta estratégia de contraconceituar os conceitos coloniais, Bispo define o contracolonialismo como processos de resistência e luta em defesa dos territórios dos povos originários e quilombolas, de seus saberes, de seus símbolos, de suas significações e modos de vida. “O contracolonialismo é simples”, diz ele:

é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo. O contracolonialismo praticado pelos africanos vem desde a África. É um modo de vida que ninguém tinha nomeado. Podemos falar do modo de vida indígena, do modo de vida quilombola, do modo de vida banto, do modo de vida ioruba. Seria simples dizer assim. Mas se dissermos assim, não enfraqueceremos o colonialismo. Trouxemos a palavra contracolonialismo para enfraquecer o colonialismo. (SANTOS, 2022, p. 36)

O conceito de biointeração, em Nêgo Bispo, está em oposição ao conceito de desenvolvimento sustentável. Segundo Bispo, o conceito de desenvolvimento sustentável, sob a tríade "reduzir, reutilizar e reciclar"

¹ Comentário feito a Renato Nogueira e pode ser acompanhado in: <https://www.youtube.com/watch?v=sM4OiqBcJYs>

[...] tem como pano de fundo o problema do uso indiscriminado de recursos naturais finitos e não renováveis nos processos de sintetização e de manufaturamento, característicos do desenvolvimentismo. (BISPO, 2015, p. 98)

Na biointeração, pelo contrário, “temos como princípio a tríade "extrair, utilizar e reeditar" (idem, p. 100). Nesta lógica, “seguindo a orientação das mestras e mestres ninguém podia pescar para acumular, pois melhor lugar de guarda os peixes é nos rios, onde eles continuam crescendo e se reproduzindo” (idem, p. 82) Do mesmo modo, “o melhor lugar de guardar a mandioca é a terra” (idem, p. 84).

Ainda sob a perspectiva da biointeração, Nêgo Bispo ensina:

Nossa geração avó dizia que a gente planta o que a gente quer, o que a gente precisa e o que a gente gosta, e a terra dá o que ela pode e o que a gente merece. Então jogávamos todo tipo de semente no mesmo local e a terra fazia a seleção das sementes que ela deixaria germinar. Alguns animais conhecidos como insetos preferiam comer uma espécie de planta e deixavam as outras. Essa era a sabedoria cosmológica do nosso povo. Não precisávamos usar veneno porque os animais faziam a seleção. (BISPO, 2022, p. 58).

Outro conceito operado por Bispo é o de “saber orgânico”, que ele contrapõe a “saber sintético”, que “se desenvolve, desenvolvendo o ter.” Em contrário, o saber orgânico “se desenvolve desenvolvendo o ser (Bispo, 2018, p. 9). De tal modo as comunidades quilombolas, suas mestras e mestres, são operadores do saber orgânico. Já os colonialistas, operam o saber sintético.

Numa crítica à universidade dirá Nêgo Bispo que:

O pensamento produzido nas academias é um pensamento sintético. É um saber voltado para a produção de coisas. O pensamento operacionalizado pela escrita é um pensamento sintético, desconectado da vida. Já o nosso pensamento, movimentado pela oralidade, é um pensamento orgânico. (Bispo, 2018, p. 9)

No sistema colonial, explica Nêgo Bispo, “As pessoas atuam sempre em função do ter. Até a biologia está se tornando sintética. Logo vocês vão comer bife sem precisar de boi.” Isto se dá porque a comunidade colonial é devota de um Deus que amaldiçoa a terra e condena, por causa de Adão e Eva, as pessoas a comerem com a fadiga e o suor. Como não podem desfrutar da natureza como ela se apresenta, precisam sintetizar tudo. O contrario, no mundo politeísta, dos povos originários e dos quilombolas “não existe pecado original, ninguém foi expulso do Jardim do Éden, ninguém tem memória de terror” (SANTOS, 2022, p.9). De tal modo, para Bispo, os quilombos são

perseguidos exatamente porque oferecem uma possibilidade de viver diferente, de bem viver, ao invés de viver bem, pois “bem viver é viver de forma orgânica, viver bem é viver de forma sintética” (SANTOS, 2018, p. 9).

Dos conceitos desenvolvidos por Nêgo Bispo, confluência, segundo ele mesmo, foi “a palavra que melhor germinou” (SANTOS, 2022, p. 4)

Confluência, na definição de Bispo,

É a lei que rege a relação de convivência entres os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento plurista dos povos politeístas. (SANTOS, 2015, p. 89)

Ainda,

[...] a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida. De fato, a confluência, essa palavra germinante, me veio em um momento em que a nossa ancestralidade me segurava no colo. Na verdade, ela ainda me segura! Ando me sentindo no colo da ancestralidade e quero compartilhar isso. (Bispo, 2022, p. 4-5)

Associado a compartilhamento, Bispo contrapõe confluência à troca, pois

[...] a troca significa um relógio por um relógio, um objeto por outro objeto, enquanto no compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham. Quando me relaciono com afeto com alguém, recebo uma recíproca desse afeto. O afeto vai e vem. O compartilhamento é uma coisa que rende. (Idem, p. 21)

Ainda, ligado ao conceito de confluência está o conceito de transfluência:

Transfluindo somos começo, meio e começo. Porque a gente transflui, conflui e transflui. Conflui, transflui e conflui. A ordem pode ser qualquer uma. Para nós, o conteúdo determina a forma e a forma determina o conteúdo... Na transfluência não há

volta, porque ela é circular. Ao mesmo tempo que algo vai, fica; ao mesmo tempo que fica, vai sem se desconectar. (BISPO, 2022, p.30; 31)

Do conceito de Transfluência Nêgo Bispo elabora a seguinte reflexão:

[...] Se é possível que as águas doces que estão no Brasil cheguem à África pelo céu, também pelo céu a sabedoria do nosso povo pode chegar até nós no Brasil... Nós tivemos essa capacidade porque os nossos mais velhos que estavam em África, apesar de sermos proibidos de voltar para lá, vieram pela cosmologia. (BISPO, 2018, p. 10)

Graças à estratégia de contranomear, as comunidades quilombolas resistem ao colonialismo. E “mesmo tentando tirar nossa língua, nossos modos, não tiraram a nossa relação com o cosmo. Não tiraram a nossa sabedoria.” E, por isso, “conseguimos nos reeditar de forma sábia, sem agredir os verdadeiros donos desse território que são os irmãos indígenas”, concluirá Bispo.

III

Atento aos processos de luta e de resistência dos povos e das comunidades contracolonizadoras, Bispo analisa os eventos de Palmares, em Alagoas, Canudos, na Bahia; Caldeirões, no Ceará e Pau de Colher, entre Bahia e Piauí, comunidades que foram atacadas e desarticuladas pelas forças hegemônicas e colonizadoras, e observa que: “houve, em tais comunidades, o escandaloso crime de etnocídio. As pessoas foram executadas sem que se registrasse qualquer denúncia contra elas.” (SANTOS, 2016, p. 5)

E, em tom de denuncia, Bispo observa:

Hoje ainda encontramos muitas comunidades praticando relações de vida estruturalmente semelhantes às praticadas por Palmares, Canudos, Caldeirões e Pau de Colher e sendo igualmente atacadas nos mais diversos lugares das Américas... Só que, hoje, os colonizadores, ao invés de se denominarem Império Ultramarino, denominam sua organização de Estado Democrático de Direito e não apenas queimam, mas também inundam, implodem, trituram, soterram, reviram com suas máquinas de terraplanagem tudo aquilo que é fundamental para a existência das nossas comunidades, ou seja, os territórios, símbolos e significações dos nossos modos de vida. (2016, p. 16)

O motivo de serem atacados, na ótica de Bispo é o simples fato de serem povos que continuam comendo dos frutos das árvores, compartilhando saberes, biointeragindo com o cosmo, que não se sentem obrigados a comer com a fadiga do suor, porque a natureza já lhes oferta a comida.

IV

Em recente artigo, no Blog da Boitempo, Douglas Barros tece críticas ao pensamento de Antonio Bispo dos Santos. Segundo Barros:

Bispo afasta-se cada vez mais de uma crítica embasada na realidade material para adequar-se a uma noção cujos limites são ideológicos, no sentido pobre de ideologia – entendida como uma *Weltanschauung* ou, como seus seguidores preferem, uma cosmovisão. (BARROS. 2022).

Ao escolher combater o colonialismo operando contradenominações, segundo Barros, Nêgo Bispo margeia o sistema colonial sem enfrentá-lo de fato. Para Barros:

De aparência transgressora e anticapitalista, a análise crítica do “pensamento” de Nego Bispo revela, ao fim, um fundo passivo, mítico-religioso e romanticamente orientado, mais um sintoma do capitalismo de crise e da falta de perspectiva de transformação à esquerda.

Em resposta ao artigo de Barros, Pâmela Carvalho, escreve no Blog Alma preta que o texto de Barros “parte de uma noção muito específica do que seja “material”, oriunda de “uma tradição que entende o pensamento como aquilo que se separa do mundo para observá-lo de cima.”

Para Bispo, defende Carvalho

o material não é apenas aquilo que pode ser mensurado, quantificado ou representado como mercadoria. O material é aquilo que sustenta a vida. Aquilo que a reproduz. Aquilo que a faz persistir. O material é o chão, a água, o corpo, o alimento, o tempo partilhado, o cuidado, a memória. Essa definição é mais radical do que a definição moderna. O colonialismo ensinou que o mundo é um estoque. Bispo responde: o mundo é uma relação.

Para Carvalho, Barros

não compreende, ou se recusa a compreender, que o pensamento de Bispo não é menos rigoroso por não ser cartesiano. Ele é rigoroso de outro modo. Um rigor que não separa pensar e viver. Um rigor que não se constrói contra a experiência, mas com ela.

Acordando com Carvalho, entendo que toda teoria fala de algum lugar. E o lugar do qual parte Bispo é o da história de um povo, de uma comunidade que insiste em não se curvar à lógica colonial

capitalista. São povos de trajetória, não de teorias, como diz Bispo. Trajetórias compartilhadas, não nos centros acadêmicos, nos saberes sintéticos, mas na pescaria, na farinhada, nos engenhos, “onde se faz muita força, mas toda essa força se transforma em festa” (SANTOS, 2015, p. 84).

Sobre festa, diz Bispo que ela é “uma comemoração, um festejo, uma manifestação de alegria” (SANTOS, 2022, p. 24), tem relação com a vida. E a vida nos territórios quilombolas não é algo abstrato, etéreo. É uma cabocla, balde d’água na cabeça, e um rapazote, movendo a roda de farinha, que se entendem nos gestos, nos olhares e firmam compromissos de vida sem palavras. Ao contrário de festa é o furdução, o “movimento feito de forma oportunista para ganhar dinheiro, sem relação com a vida, sem autenticidade.”

O que não falta no pensamento de Nêgo Bispo é materialidade. Nêgo Bispo não é um visionário, um mistagogo. Nêgo Bispo é tradutor de modos de vida que se contrapõem aos processos de esvaziamento e embrutecimento das interrelações em nome de uma racionalidade funcional que reduz tudo a mercadoria e a relacionamentos sem envolvimento. A quem discorda, uma sugestão: deixe um pouco de lado os livros, se enfie numa feira, num cabarezinho, num bar de beira de estrada, onde a vida se narra para além de conceitos.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Douglas. **Contra Nêgo Bispo**. In: <https://blogdaboitempo.com.br/2026/01/21/contra-nego-bispo/>
- CARVALHO, Pâmela, **Contra a redução epistêmica: em defesa de Nêgo Bispo e da substantividade do pensamento contracolonial**. In: <https://almapreta.com.br/sessao/quilombo/contra-a-reducao-epistemica-em-defesa-de-nego-bispo-e-da-substantividade-do-pensamento-contracolonial/>
- SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombos: Modos e Significados**. Brasília: INCT. 2015
- SANTOS, Antônio Bispo. **Modos quilombolas**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 9, p. 58-65, set, 2016
- SANTOS, Antonio Bispo (2018). **Somos da terra**. PISEGRAMA, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, ago
- SANTOS, Antônio Bispo (2023). **A terra dá, a terra quer**. Imagens de Santídio Pereira; texto de orelha de Malcom Ferdinand. São Paulo: Ubu Editora/ PISEAGRAMA.

Autor:

Claudio Domingos FERNANDES

Mestre em Filosofia da Educação, pela Faculdade de Educação da USP. Leciona Filosofia na Rede pública de Ensino do Estado de São Paulo e atua como arte educador na Associação Cultural Opereta.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0510-9983>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5161179212907317>